

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

A CORRESPONDÊNCIA MARTINS SARMENTO - PADRE JOAQUIM PEDROSA.

LIMA, Augusto César Pires de

Ano: 1940 | Número: 50

Como citar este documento:

LIMA, Augusto César Pires de, A Correspondência Martins Sarmiento - Padre Joaquim Pedrosa. *Revista de Guimarães*, 50 (1-2) Jan.-Jun. 1940, p. 77-105.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A correspondência Martins Sarmento - Padre Joaquim Pedrosa

Convidado há bastantes anos pelo meu amigo e antigo condiscípulo Dr. Eduardo de Almeida a fazer uma conferência na Sociedade Martins Sarmento, aproveitei a ocasião para consultar no Arquivo dos Reservados as cartas do P.^e Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa, que foi abade de Santo-Tirso e arqueólogo distinto.

E, como nada deixou publicado o grande amigo de Martins Sarmento (!), não me saíu mais da idea arrancar do limbo aquelas cartas, a fim de prestar homenagem a um homem, hoje quasi esquecido, e que tantos e tantos serviços prestou à sua Terra.

Embarquei um dia com êle na estação da Trofa e tenho bem presente a dissertação erudita e encantadora que êle me fez sôbre geologia, sôbre a influência dos materiais indígenas na forma das habitações, e sôbre diferentes castros, um dos quais, o da Tôrre Alta, na freguesia de Areias, em que descobrira um bico de lucerna à flor da terra.

Onde houvesse um facto histórico a comemorar, um monumento em perigo, uma inscrição intrincada, uma velharia a colhêr, aí se encontrava êle sacrificando tempo, dinheiro e paciência, superior aos risos de

(!) Numa carta enviada pelo P.^e Pedrosa, e cujo rascunho tenho presente, lê-se :

«O *distincto archeologo* a quem V. Ex.^a se dirige é tão distincto (é mesmo unico), que nunca escreveu uma linha sobre archeologia, nem sobre qualquer outra coisa, a não ser cartas em correspondencia com o D.^{or} Martins Sarmento sobre pesquisas de velharias que ainda se acoitavam por estes sitios e com o venerando Possidonio da Silva, e mais nada».

mofa daqueles que não vêm no mundo senão o interesse palpável, material.

Recuando aos meus tempos de infância, recordo-me de um episódio simples, mas que revela a con-



Padre Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa

descendência bondosa e inteligente de um homem, que, podendo exhibir-se, preferia recolher-se ao convívio dos livros e dos cacos e calhaus, testemunhas eloqüentes de um passado longínquo.

○ meu irmão mais velho revelou desde pequeno

uma inclinação natural que havia de fazer dêle mais tarde um investigador: colecionava pedras, ovos de aves ⁽¹⁾, ninhos, moedas, anomalias vegetais, fazia herbários, etc. Na nossa casa chegou a haver dois macacos e um papagaio, dádiva de um antigo aluno da escola de Areias ⁽²⁾, com os quais o futuro anatómico mantinha uma familiaridade que nenhum dos irmãos era capaz de atingir.

Ora, um dia, consegui ovos de bichos da sêda e aí começou a criação.

Para isso, tinha eu de percorrer dois quilómetros, desde Silvalde (Areias) até à vila, pelo vêlho caminho da Tôrre, para trazer fôlhas de amoreira do largo fronteiro à Igreja dos Beneditinos.

Uma vez, estava eu com um pau a partir uns ramitos das vêlhas árvores, quando o abade Pedrosa me enxergou lá da portaria e se dirigiu vagarosamente para o sítio onde eu, extremamente tímido como era, aterrado, desejaria sumir-me pela terra abaixo.

Aproximando-se, perguntou-me docemente o que estava eu a fazer. Balbuciei uma explicação verdadeira, e êle, depois de ter assim mostrado o seu amor pelas plantas e pelos bichos, voltou para a igreja sem ter proferido uma palavra de censura e... sem adivinhar talvez que as suas queridas amoreiras seriam derrubadas mais tarde não sei por amor de quê! O mundo é assim: constrôem uns pacientemente, para que outros se dêem ao prazer de ir destruindo...

Sacrificar aos simpáticos bichos as fôlhas das amoreiras que generosamente concediam a sua sombra aos devotos era legítimo; mas imolar os próprios troncos aos caprichos dos homens foi um sacrilégio que nunca poderia desculpar o simpático patrono do terreiro, apesar do seu espírito tolerante e das suas palavras, que respiravam serenidade e doçura.

Quando dei parte do meu plano de publicação das cartas ao Ex.^{mo} Presidente da Sociedade Martins Sarmento, o distinto escritor, Major Mário Cardoso,

(1) *Ovas* na linguagem popular.

(2) Santo-Tirso.

logo se prontificou a ceder-me cópia delas, contanto que tôda a correspondência fôsse publicada na *Revista de Guimarães*.

De posse da cópia e dos originais de Martins Sarmiento, que a família Pedrosa cedeu para o arquivo da Sociedade, verifiquei com pesar que tanto de um lado como de outro havia falhas impossíveis de preencher.

As cartas existentes do P.^o Pedrosa, escritas ao correr da pena, sem preocupações, bastam para revelar o investigador tenaz e honestíssimo, que tantos serviços desinteressados prestou ao Amigo e à Ciência.

As de Martins Sarmiento, partindo de um escritor de raça, de um homem de cultura sólida e variada, denunciam, além do arqueólogo e do etnógrafo, um artista elegante que não duvida de vez em quando polvilhar as suas cartas de uma ironia fina e por vezes contundente.

Reünindo nesta homenagem os dois amigos, os dois companheiros de trabalho, eu, que tenho discordado várias vezes da publicidade concedida a cartas particulares, creio bem que êles, lá da outra vida, não receberão a homenagem de sobreceño carregado.

E, agora, farei um pequeno esbôço da vida e obra do P.^o Pedrosa.

Nasceu em 30 de Novembro de 1848 e era filho de D. Angelina Amália da Fonseca Pedrosa e do Dr. Joaquim Anacleto da Silva Pedrosa (1).

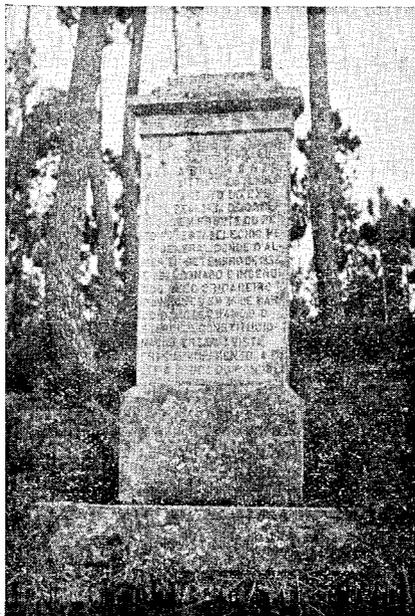
(1) O Dr. Joaquim Pedrosa foi um médico muito considerado e a êle se refere Alberto Pimentel nos termos seguintes:

«Gozou de grande fama não só em todo o concelho de Santo-Tirso, mas também nos concelhos limítrofes, e até no Pôrto, onde os mais abalizados facultativos lhe faziam as mais elogiosas referências. Homem forte, nutrido e sanguíneo, tinha o sorriso alegre e a mansidão de todos os bons». — (*Santo-Tirso de Riba d'Ave*, pág. 175).

Camilo foi amigo e admirador do médico Pedrosa, a quem recorria confiadamente no meio dos seus achaques dolorosos e complicadíssimos, como se vê da obra citada de Alberto Pimentel e do trabalho de Maximiano Lemos, *Camilo e os Médicos*, pág. 571 e seg., onde aparecem duas cartas bem elucidativas.

Depois de fazer alguns exames no Liceu de Braga, entrou no Seminário do Pôrto no dia 4 de Novembro de 1866 e aí veio a ordenar-se.

Durante algumas dezenas de anos de vida paróquial conquistou a consideração dos seus fregueses, que muito concorreram para lhe minorar as agruras



*Memória da bouça do Pombal (Santa Cristina do Couto)
erigida pelo Padre Joaquim Pedrosa*

derivadas da passagem das instituições monárquicas para as republicanas.

Homem de confiança do benemérito Conde de S. Bento, serviu-se da sua influência, não para atrair benefícios para a sua pessoa, mas sim para a Terra onde era pároco e onde exerceu durante algum tempo o lugar de presidente da junta de paróquia. Concorreu assim de modo decisivo para a construção das Escolas e do Hospital.

Para lembrar dois combates que se deram no dia

26 de Março de 1834, entre as forças realistas e liberais, mandou erigir à sua custa duas memórias — uma no lugar da Reborêda, freguesia de Santa Cristina do Couto, e outra no do Montinho, freguesia de S. Miguel da Lama, na margem direita do rio Ave (1).

Mandou fazer e dirigiu escavações no Monte dos Saltos (Sequeirô), em Santa Cristina do Couto, S. Martinho de Bougado, na Citânia de Roriz, Burgães, Alvarelhos, e procedeu a estudos em Vilarinho, Monte Córdova e na freguesia de S. Tiago d'Antas do con-

(1) Na coluna levantada na bouça do Pombal, há os seguintes dizeres: «N'esta bouça e nas immediatas esteve o acampamento do exercito realista d'observação em frente do Porto; foi estabelecido pelo general conde de Almer em Setembro de 1833 e abandonado e incendiado pelo brigadeiro Quinhones em 26 de Março de 1834 quando o exercito constitucional já estava á vista. Este acampamento ia até á bouça do Pombal».

No monumento que se ergue no Montinho, mandou o P.^e Pedrosa esculpir na *Face norte*: «O general Torres marcha do Porto com 5000 homens sobre Santo Thyrso, na noute de 25 de Março de 1834, para surprehender o exercito realista, 3000 homens, no proprio acampamento. As 5 horas da manhã de 26 ataca as avançadas do inimigo que, depois d'alguma resistencia na serra do Carneiro, abandona as posições, tenta então envolvê-lo, mas o brigadeiro Quinhones, percebendo-lhe o plano, deita fogo ao acampamento e retira-se sobre Guimarães por Santo Thyrso, deixando o coronel Puisseux com um esquadrão de lanceiros áquem da ponte a proteger-lhe a retirada. Torres, á vista disso, manda forças ostensivas sobre Santo Thyrso e dirige-se com o grosso do exercito ao Vau das Vinhas para cortar a retirada ao exercito realista, o que não consegue, por elle já ter passado, mas encontra-se aqui com o coronel Puisseux».

Face sul: «A 26 de Março de 1834 bateram-se n'este logar um esquadrão de lanceiros do Fundão, que, sob o commando do coronel Puisseux, protegia a retirada do exercito realista do Norte sobre Guimarães, e a vanguarda do exercito do Porto ás ordens do general José Antonio da Silva Torres, barão do Pico do Celleiro e depois visconde da Serra do Pilar. O esquadrão realista, postado neste logar com a frente para Santo Thyrso, foi acommetido pela retaguarda por dois esquadrões de cavalaria do Porto, que com o general Torres á frente, tinham atravessado o rio no Vau das Vinhas e eram apoiados pela infantaria no flanco esquerdo. N'este recontro houve quatro mortos e bastantes feridos de parte a parte e entre estes o coronel marquez de Puisseux, que, sendo já brigadeiro, morreu na batalha da Asseiceira, quando dava uma carga de cavalaria». — Vid. Augusto C. Pires de Lima, *Diário de um soldado miguelista* — Separata da *Revista de História*, vol. XIII (Porto, 1925).

celho de Vila Nova de Famalicão, em terras da Maia, e de Vila do Conde.

Trabalhou para a salvação dos marcos miliários que hoje se erguem na Trofa Vélha, e que junto à



Memória erigida no lugar do Montinho pelo Padre Joaquim Pedrosa

ponte do rio Sedões estavam a servir para «escoras de latadas». Ainda as letras, felizmente, não tinham sofrido a acção do pico.

«Este serviço, e não poucos mais, confessa Martins «Sarmento, têm os amigos da antiguidade de os agradecer ao snr. abbade de Santo Thyrsso, um modesto e

«infatigavel trabalhador, a quem devo valiosos obsequios, que folgo muito de tornar publicos» ⁽¹⁾.

As cartas trocadas a propósito do perigo que correram os monumentos deviam ser bem elucidativas, como se conclui da n.º XIV de Martins Sarmiento, datada de Fevereiro de 1888.

Por infelicidade, as cartas do P.º Pedrosa sôbre o assunto perderam-se. Martins Sarmiento supunha a princípio que a Trofa Vélha era na Lagoncinha, antiga ponte dos Arquinhos, e lembrava a hipótese de que a passagem do Ave podia «não ser feita por ponte». Para se orientar, perguntava se não haveria perto do ponto onde os marcos apareceram algum nome local de «porto», «barco», etc.

Ora o sítio em que apareceram os marcos, a Trofa Vélha, onde êles se erguem, ficava muito longe da margem do Ave, como o P.º Pedrosa devia ter informado o seu amigo, bastante para além do actual santuário da Senhora das Dores, na estrada de Braga ao Pôrto.

Mas, no lugar de Real, sôbre um côrrego, perto da estação da Trofa, há uma ponte romana, um *arquinho* de aduelas, descoberta pelo P.º Pedrosa, e salva da ruína pela execução de uma planta de meu pai, o agrimensor Fernando Pires de Lima.

Aparece outra a jusante da ponte da Lagoncinha, sôbre o ribeiro de Ervosa ⁽²⁾ e próximo do sítio em que êle desagua no Ave (aldeia da Ponte).

⁽¹⁾ *Revista de Guimarães*, vol. V, pág. 160. Citação transmitida pelo Ex.º Presidente da Sociedade Martins Sarmiento.

⁽²⁾ «Rio que tem seu principio nos valles da Rocha ao pé da Pedra do Couto». — *Mapa do Couto de Palmeira de hua e outra parte do Rio Ave*, obra do Capitão João Bernardo da Silva Carneiro, que data do primeiro quartel do século XIX. No mesmo mapa a ponte é designada pelo «*Arquinho* do Rib.º de Ervosa, que esta por baixo da Ponte da Lagoncinha». Esse mapa foi encontrado no arquivo da casa de Covas. A sua existência foi-me gentilmente transmitida pelo descendente daquele capitão, João Albino da Cruz Carneiro, aluno da Universidade do Pôrto, e vai ser publicado no próximo número do *Boletim da Comissão de Etnografia da Junta da Provincia do Douro Litoral*.

Recordo-me bem de ouvir dizer ao P.º Pedrosa que discordava de Martins Sarmiento quanto ao itinerário da estrada romana, e que saíra vencedor, mal se descobriu a ponte romana.

A propósito, o Sr. José Francisco da Costa (1), grande apaixonado pelos problemas de toponímia, transmitiu-me uma comunicação, da qual vou extrair o seguinte passo:

«Há na Cidreira, bem vincados no xisto..., os «vestígios da véilha estrada e do vau ou pôrto que «a ligava à outra margem, onde perdura também o «topónimo *Pôrto d'Ave* adstrito a uma gleba. Uma «ponte, porém, era indispensável para continuidade



Ponte romana sôbre o ribeiro de Ervosa (Lado nascente)

«do trânsito por ocasião das cheias. Por tradição «oral sabe-se que no lugar das Marcas, pouco mais «de um quilómetro acima daquele vau, houve uma «ponte que seria a *Pontem Antiquam* a que se refe- «rem a doação que o Conde D. Henrique fêz do «couto de Santo-Tirso a D. Soeiro Mendes da Maia «em 1097 e o testamento de D. Soeiro datado de 1098. «Mencionam estes documentos que a divisão do refe- «rido Couto seguía uma linha, a poente e norte, que «passava por Ervosa em direcção à *Pontem Antiquam*

(1) Ilustre auxiliar, em Santo-Tirso, da *Comissão de Etnografia da Junta da Provincia do Douro Litoral*.

«à *Pontem Antiquam* e daqui pelo meio do rio acima
 «até ao pôrto *Cernandini* em Burgães.

«*Pontem Antiquam* (Ponte Vélha), assim designada
 «nos antigos documentos para a diferênçar, é de su-
 «por, de uma outra construída duzentos metros apro-



Ponte romana (Lado poente)

«ximadamente a jusante, onde o rio alarga em ampla
 «bacia. Tomou a nova ponte o nome de *Lagoncini-*
 «*nha* (!)...».

A freguesia de Lousado compreende a ponte da Lagoncinha e estende-se para a margem esquerda do Ave, indo para montante até o lugar das Mar-

(!) Sôbre a ponte da *Lagoncinha*, vid. o *Archeologo Português*, vol. 2.º, pág. 312, cit. já por Alberto Pimentel em *Santo Thyrso de Riba d'Ave*, pág. 25.

Segundo o Sr. José Francisco da Costa, a ponte da Lagoncinha já em 1758 se via muito diminuída da sua importância, coincidindo talvez êsse facto com o levantamento de um açude em Bougado. Daí a criação da célebre *Barca da Trofa*, por onde passou a fazer-se a travessia sem o grande rodeio a que obrigava a vélha estrada romana, procurada apenas por ocasião das grandes cheias. No lugar da *Barca* construíu-se mais tarde uma ponte de madeira, substituída em 1858 pela elegantíssima ponte pênsil à custa da Companhia Viação Portuense. A ponte pênsil sucedeu há poucos anos outra de cimento armado.

cas (1), onde está esculpida num penedo a cruz ali chamada *Sarilho da Moira*, e para jusante o lugar da Cidreira (2), onde termina a freguesia de Lousado (Famalicão) e começa a de S. Martinho de Bougado (Santo-Tirso).

E é curioso que a pergunta de Martins Sarmento, afastada a confusão entre o rio Sedões e o de Ervosa, revela a perspicácia, o espírito de clarividência com que Deus dotou os grandes arqueólogos.

De uma e de outra margem do Ave encontram-se dois campos, ambos êles denominados *Pôrto d'Ave*, indicativos de uma passagem desprovida de ponte.

Esse vau servia de passagem, como revelam vários vestígios existentes nas margens, a única, antes de construída uma ponte antiga, a dos Arquinhos, talvez a montante da Lagoncinha, no lugar das Marcas já citado (3).

Além de muitos objectos reunidos no pequeno museu existente nos claustros do Mosteiro de S. Bento, o P.º Pedrosa conseguiu a entrada de muitos outros no Museu da Sociedade Martins Sarmento, como se vê das cartas agora publicadas.

A propósito de um *esconderijo de fundidor*, descoberto no lugar da Abelheira, da freguesia de S. Martinho de Bougado, escreveu Martins Sarmento na *Revista de Guimarães* sob o título de *Antigualhas*:

«Graças á intervenção do meu amigo, abbade de Santo Thyrso, a Sociedade Martins Sarmento fez a aquisição de machados de bronze apparecidos ha tempo em S. Martinho de Bougado. Segundo parece, o numero de machados subia a trinta e quatro; mas

(1) «...q. dividem a Frig.^a de Lousado da de S. B. meu (Bertolameu, Bartolomeu) por cima da Ponte da Lagoncinha». — *Mapa cit.*

(2) Assim ouvi a pessoas do sítio. Deve ser etimologia popular por *Cerdeira*, que se lê no mapa referido. O t. *cerdeira* (cerejeira) não se usa por êsses sítios. Para o lado de Denis há o campo da *Cerejeira*.

(3) Opinião do Sr. José Francisco da Costa.

«alguns foram mandados derreter pelo achador, para se desenganar de que não eram feitos d'ouro.

«A collecção compõe-se hoje de trinta, dois em fragmentos, os demais completos ou quasi» (1).

O P.^e Pedrosa ligava muita importância às tradições orais, pois podiam levar a descobertas arqueológicas: antes do aparecimento de alguns vasos no lugar do Corvilho, próximo da vila, já o povo falava num cemitério antigo ali (2).

Tenho de mencionar ainda outro serviço prestado à sua Terra pelo P.^e Pedrosa, serviço suficiente por si só para impor um homem à gratidão eterna de toda a gente culta — os esforços feitos para salvar o claustro do Mosteiro dos Beneditinos, monumento nacional notável pela sua antiguidade, pela sua riqueza architectónica, pela sua beleza enfim.

Os claustros estavam prestes a derruir, e o Abade não descansou enquanto o perigo não foi afastado: o comendador Bernardino da Costa e Sá deu o dinheiro preciso; Fernando Pires de Lima organizou o projecto das reparações e dirigiu as obras commeticulidade inexcusável.

E é curiosa a modéstia do principal salvador, revelada neste trecho de uma carta:

«A minha parte na reconstrucção do claustro não passou dos meus bons desejos e por isso o meu nome tem de ser riscado do artigo (3) e substituído pelo do «Ex.^{mo} Snr. Bernardino da Costa e Sá (4), a cuja única e exclusiva iniciativa se deve esta reconstrucção, assim como as outras dadivas com que foi dotada esta

(1) Vol. V, pág. 158. O achado appareceu numa cova aberta na terra e tapada por uma pedra. Cfr. *Dispersos*, pág. 323. Devemos ao Sr. Presidente da Soc. Martins Sarmiento a gentileza de nos fornecer esta nota.

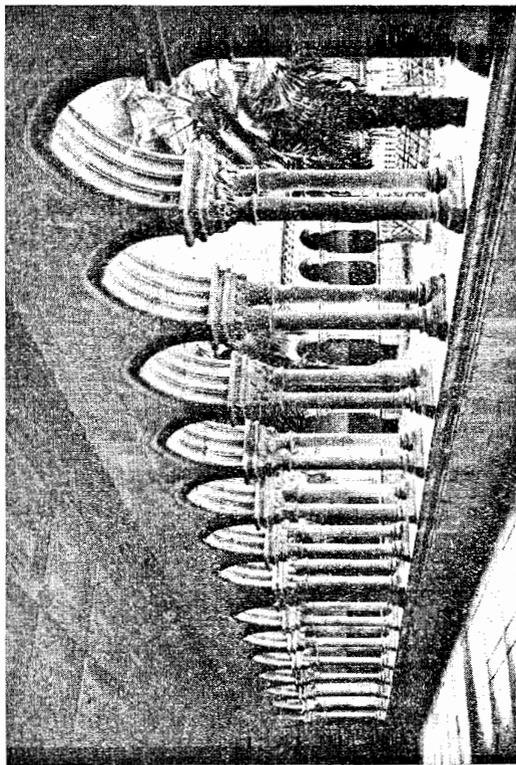
A pág. 47 do mesmo vol. da *Revista* registam-se ofertas do P.^e Pedrosa.

(2) Vid. Augusto C. Pires de Lima, *Tradições Populares de Santo-Tirso*, 2.^a série (Fim), pág. 94.

(3) Referia-se a um artigo publicado na *Semana Thyrsense*.

(4) Os bens do Conde de S. Bento tinham passado para o seu sobrinho José Luís de Andrade e dèste em grande parte para Bernardino da Costa e Sá.

*«Egreja; e saiba mais V. que, se a obra se não leva
 «n'essa ocasião a effeito, o desabamento não se faria
 «esperar e d'essa joia architectonica do principio do
 «reinado de D. Affonso 4.º, não se salvaria uma pedra.*

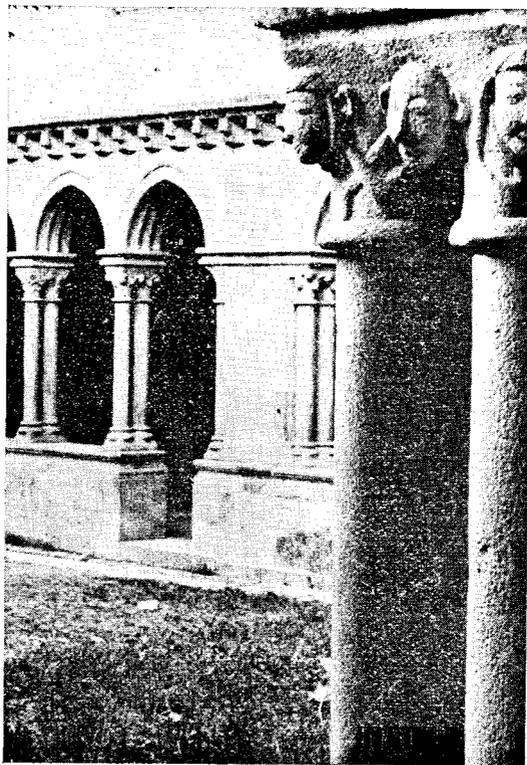


*Claustro do Mosteiro dos Beneditinos
 (Fotografia de A. Cerqueira)*

*«E' pois de toda a justiça, que ao nome do bene-
 «merito o Ex.^{mo} Snr. José Luiz d'Andrade se associe
 «outro nome que é o do Ex.^{mo} Snr. Bernardino da
 «Costa e Sá» (1).*

(1) A carta foi publicada na *Semana Thyrsense*, n.º 41, de 13 de Outubro de 1901, e transcrita na obra cit. de Alberto Pimentel, pág. 39.

O «projecto para a reedificação dos claustros do Mosteiro de Santo Thyrso» foi elaborado por Fernando Pires de Lima em 7 de Abril de 1896, havendo as peias burocráticas enredado o seu andamento, sem respeito pelo perigo iminente; mas o P.^e Pedrosa e o



Um trecho do mesmo claustro

(Fotografia de A. Cerqueira)

autor do projecto, com a sua tenacidade, venceram todos os obstáculos.

Eis o que a propósito escreveu o notável crítico e historiador de arte Dr. Pedro Vitorino:

«Em 1901 foi o claustro sensatamente beneficiado com reparações, que, livrando-o de uma ruína certa,

«e lastimosa, já seriamente ameaçante, lhe fêz ressaltar tôda a beleza que encerra, a par da sua valia «arqueológica» (1).

Pelos serviços prestados à Ciência, o P.^e Joaquim Pedrosa mereceu bem ser elevado a Sócio da Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses.

Em sessão de 1 de Fevereiro de 1889 foi criada

(1) Do artigo publicado em *A Voz Pública* de 23 de Setembro de 1919 (Pôrto).

Vid. também Fernando Pires de Lima, *Vida de um educador humilde*, pág. 26 (Pôrto, 1924).

Eis a «Descripção do Claustro annexo á Igreja Matriz da freguesia e villa de Santo Thyrso e projecto para a sua reedificação» em que devia ter colaborado o P.^e Joaquim Pedrosa :

«Ao lado direito da Egreja, entrando por um elegante portão, encontra-se o claustro que dá entrada para a dita Egreja, para a residencia parochial, sachristia, côro e torre, como o indica o desenho n.º 1.

Este claustro é um quadrado de 28,5 de lado, com uma galeria de 3,2 de largo em tôda a volta, lagueada de cantaria coberta de inscripções funerarias, resguardada por um parapeito de 1 m. de altura, feito de cantaria com finissimas molduras; e sobre elle descaçam 124 columnas dispostas duas a duas, tendo a base e capitel commum a ambas; com os 62 capiteis, todos diferentes uns dos outros, e supportando uma arcaria e cornija estylo gothico, como se vê do desenho n.º 2.

Em construcção mais recente, mas que remonta a mais de duzentos annos, collocaram sobre esta delicada obra uma segunda galeria, resguardada por uma grossa e pesada parede, sem relação alguma com a architectura primitiva, cujo peso deu lugar a que toda a obra se desviasse do prumo, e se ache presentemente com grande parte das pedras fendidas e desconjuntadas, que já se teria desmoronado se não fosse a grande quantidade de escoras que a amparam; o que seria uma perda irreparavel não só pelo aniquilamento dum precioso monumento historico, mas tambem por ser um accessorio indispensavel á igreja e residencia parochial, e annexos; razão por que a junta de parochia deliberou proceder sem perda de tempo á sua reedificação.

Para se proceder á reedificação torna-se necessario :

1.º — Escorar o travejamento da galeria superior com traços de pinheiro, collocados a intervallos de 1^m,5, assentes e encimados por pranchões ligados uns aos outros a dois terços da sua altura; fazendo-se o mesmo do pavimento superior para a armação do telhado, para supportar o peso deste reforçando tambem as escoras do lado de fora para as paredes, a fim de que elas se não desmoro-nem e destruam o que se quer e urge conservar.

Em seguida deve armar-se um guindaste, que gire pela parte

na Sociedade Martins Sarmiento a classe de sócios *correspondentes*, «e os quatro primeiros sócios dessa classe foram o P.^e Pedrosa, o Prof. do Liceu de Bragança José Henriques Pinheiro, o Dr. José de Barros da Silva Carneiro e João de Vasconcelos de Meneses, ambos de Marco de Canaveses. Estes sócios foram todos grandes beneméritos do Museu e mantiveram com Sarmiento larga correspondência sôbre assuntos

de fora, e principiar-se o apeamento primeiro da cornija em toda a volta, e depois das paredes, até o coroaamento da arcaria, retirando para fora do recinto todo o material, conforme se fôr apeando.

Logo que tudo esteja desembaraçado, deve proceder-se ao apeamento de um dos pannos do claustro, primeiro pela cornija, numerando cada uma das pedras a tinta de oleo e collocando-as por ordem e em fileira em outro lado do claustro, seguindo-se depois o apeamento dos arcos, numerando igualmente todas as peças e depondo-as em ordem, para que não haja troca ou confusão quando tornarem a collocar-se. Observar-se-ha o mesmo no que diz respeito á cantaria moldada que serve de suporte ás columnas.

Feito isto, será apeado o parapeito até á altura do solo exterior, ou mesmo até aos fundamentos, se as pedras não tiverem as dimensões e solidez exigidas para se proceder á reconstrucção.

A reconstrucção principiará pela parede do parapeito, que será feita com toda a solidez, sendo a pedra assente em boa argamassa de cal e areia, e observando-se com todo o rigor as dimensões da actual.

Todas as pedras emmolduradas que coroam o dito parapeito, e se acham deterioradas, serão substituídas por outras novas, da mesma qualidade, côr e dureza, que serão assentes de preferencia sob as bases das columnas.

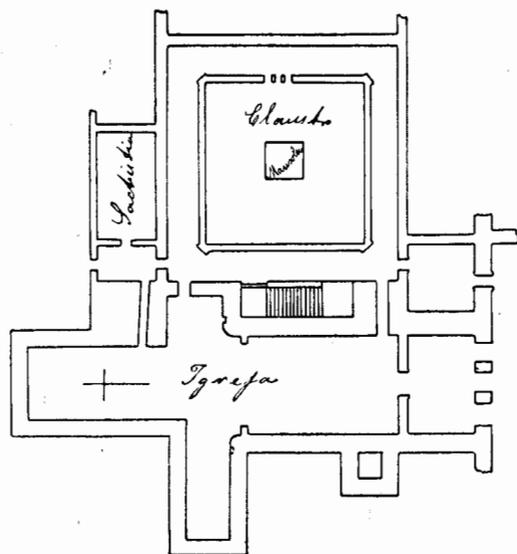
A arcaria será novamente assente com toda a solidez, compondo-se-lhe as falhas quando seja possível, ou substituindo por peças novas as que não estiverem em bom estado, não se admitindo remendos a cal, cimento ou outra qualquer materia a não ser para tomar as juntas que devem ficar perfeitamente unidas; tolera-se apenas que sejam colladas, solidamente, quaesquer peças que estejam partidas, quando este serviço não prejudique a perfeição do trabalho.

Concluido o primeiro panno do quadrado, seguir-se-lhe-ha o segundo, e assim sucessivamente até ao ultimo, adoptando-se sempre o processo empregado no primeiro.

Depois de reconstruidos os quatro pannos até ao segundo pavimento, proceder-se-ha á construcção das paredes da galeria superior sobre a obra acima descripta até á altura do telhado, como indica o desenho n.º 3.

Estas paredes, que serão encimadas pela cornija que agora corôa a arcaria, serão construídas de perpianho de granito, com 0,^m25 de espessura, apenas desbastado pelo lado de dentro para ser

96. 1
Planta baixa
Escala $\frac{1}{500}$



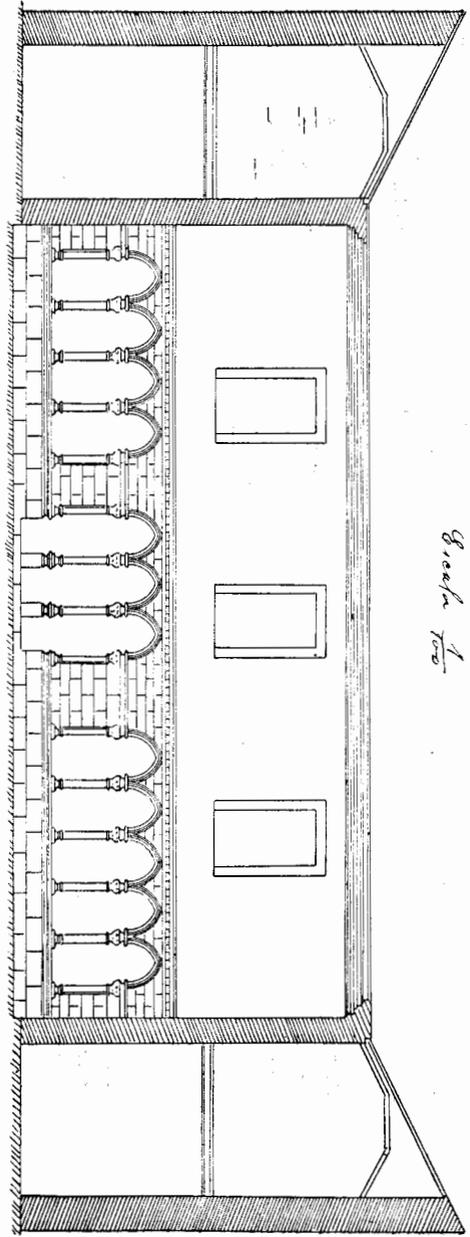
c. Adro

NOTA — O Mausoléu do Conde de S. Bento, construído no claustro, foi transferido para o Cemitério Municipal. Ao claustro voltou a sua antiga fonte monumental, que se encontrava na Quinta da Palmeira.

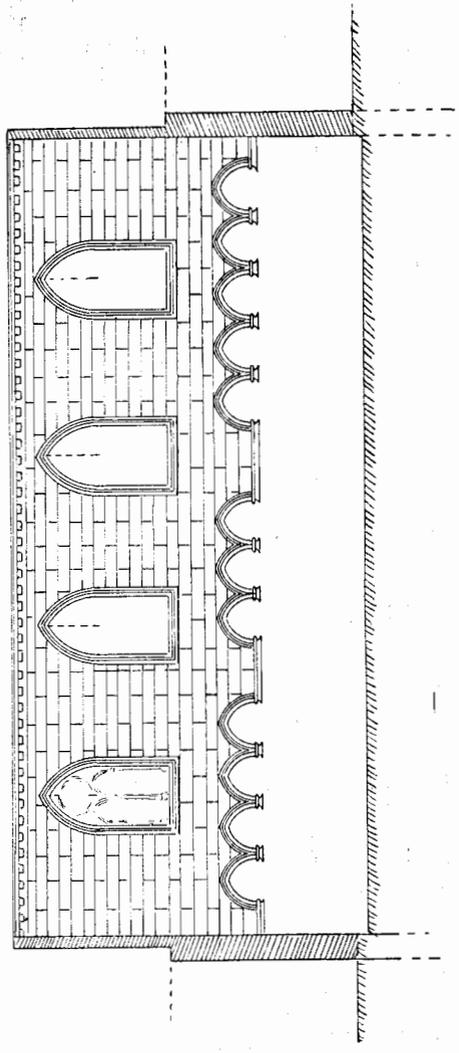
№ 2

Сквозь

Грехадъ да судъ арменъ сандъ ризия
Грехадъ 1/200



28. 3
altare qui genui fuit de m. l. g. v. - 2
omni rec. l. p. m. v. d. c. l. a. u. s. f. u. s.
Quinto faces



Sante Agnes, 1 de abril de 1876
Bernardo Jans de Lima
Esprimans

de arqueologia, a qual se conserva no Arquivo de Reservados» (1).

Faleceu o modesto arqueólogo em 9 de Fevereiro de 1920 (2) e o cadáver foi depositado no jazigo de uma família amiga (Cardoso Fânzeres), no Cemitério Municipal.

As cinzas passaram mais tarde para outro muito singelo: um rectângulo de terra com cintura de cantaria, e ao fundo uma cruz, em cuja base se lê: «*Aqui jaz o Rev. Abade Pedrosa e família*».

Não deve ser pesada ao corpo a terra que tantos segredos confiou ao espírito que nêle transitòriamente residiu.

Depois do falecimento, a Junta de Freguesia deu o nome do Abade Pedrosa ao largo da Igreja.

Nada mais justo, porque nesse terreiro foram lavradas as memórias erigidas em Carneiro e no Mon-

coberto de cal, e, pelo lado exterior, toda a pedra será lavrada, sem a menor falha, e as juntas unidas, para ficar a descoberto.

Em cada panno de parede, levará quatro janellas em forma ogival, como o indica o referido desenho n.º 3.

Sobre a cornija, numa cavidade nella aberta pelo lado de dentro, serão collocados os respectivos frechais de boa madeira de castanho, para os quais será ligado o embarrotamento do telhado.

A obra deve ser feita por administração, sob a vigilância de pessoa technica; pois que é impossivel fazer-se d'empreitada, attendendo a muitos trabalhos imprevistos e mesmo pela difficuldade de se obterem os materiaes senão a grande distancia pelo que apenas se pode fazer um calculo approximado da obra.

Sou de parecer que a pedra nova a empregar seja extrahida das pedreiras do logar de Agrichouso da freguezia d'Affife do concelho de Vianna do Castello, por ser a unica que conhecemos igual á da edificação primitiva, e não saber que mais perto haja outra pedreira em iguaes condições.

A despeza aproximada a fazer com estes trabalhos é de Rs. 3:581\$290, baseada no seguinte: Estacas — 86 a 400; Pranchões — 8 a 1800; 4 Carp.^s — em 6 d. a 360; 6 Ped.^s em 20 d. a 360; Aluguer de ap.^{lho} — 20 d. a 300. Total — Rs. 2:604\$190.»

Esta descrição encontra-se no arquivo da quinta de Silvalde, entre as plantas elaboradas por Fernando Pires de Lima.

(1) Informação do Ex.^{mo} Sr. Presidente da Sociedade Martins Sarmento.

(2) Vid. as palavras de homenagem insertas no *Jornal de Santo-Tirso* de 12 do mesmo mês, onde se dá a notícia de que ia percorrer a freguesia uma Comissão a fim de pedir os meios precisos para as despesas do funeral.

tinho e aí trabalharam durante muitos meses os canceiros encarregados das obras dos claustros sob a direcção e vigilância do P.^e Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa e de Fernando Pires de Lima.

Mas há uma dívida em aberto, a saldar para com o benemérito tirsense, que aliava o patriotismo, a modestia e a humildade ao amor pelas antigualhas: o núcleo de objectos reunidos não pode continuar em desordem nos claustros à mercê do vandalismo dos ignorantes e do espírito de rapina de criaturas sem escrúpulos.

Impõe-se que se crie um Museu Municipal digno de receber como patrono quem tudo deu à sua Terra sem jamais ter pedido ou esperado compensações.

*

A despesa com as gravuras que ilustram êste trabalho e com a respectiva separata foi satisfeita pela benemérita Junta de Província do Douro-Litoral.

Caldas da Saúde, 1 de Janeiro de 1940.

AUGUSTO CÉSAR PIRES DE LIMA.

Cartas de Martins Sarmiento

I

Guimarães
8, 6, 83.

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

A importancia que me parece ter a inscripção romana do Claustro de S.^{to} Thyrso obriga-me a incommodar a V. Ex.^a pela 3.^a vez, depois de lhe pedir de novo desculpa de tanta impertinencia. Meu sobrinho pouco me soube dizer do que eu desejava saber, naturalmente porque prestou a tudo a attenção que eu prestaria na sua idade.

Aqui está o ponto obscuro e que eu desejava aclarar. A minha copia é a seguinte:

L. VALERIVS. SILVANVS
MILES. LEG. VI. VICT
TVRIACO
S. L. M.

Eu parto do principio de que TVRIACO contem o nome d'um deus. Em lugar de dizer: contem, antes queria dizer — é; e imaginei mesmo que a restituição das lacunas era:

MILES 9
DEO TVRIACO

Diz meu sobrinho Antonio que antes do T de Tvriaco ha effectivamente vestigios d'um O, mas dá a entender que antes deste O não ha lugar para duas letras mais — o que transtorna completamente a minha restauração. Eu tenho porem ideia de que a minha copia é fiel, escondendo o T por baixo do E de *Miles*; e, sendo assim, as tres letras de *deo*, se não ficam muito á larga, cabem sem se abafar. Se é preciso dar de mão a *deo*, e admittir antes do T só duas letras, das quaes a ultima é O, a letra que falta é d'uma importancia extrema, porque sem ella é impossivel encontrar a radical do nome, e só por esta radical é que se poderia chegar ao conhecimento das funções que poderia ter o desconhecido dono. Como appareceram vestigios do O, um exame attento não descobrirá alguma cousa mais? De certo não se a falha da pedra levou todas as letras; mas a superficie actual deve mostrar se sim, ou se não; e sendo a falha no sentido:

TVRIACO
S. L. M

no mesmo plano, onde ficaram os vestigios do O, pode talvez

ter ficado alguma cousa mais. Essa alguma cousa mais vale metade de toda a inscrição.

Um tio do Diniz da casa de Lamas tinha copiado a inscrição correctamente. Meu sobrinho Manoel trouxe-me, ha 2 dias, copia della, fornecida pelo Diniz que a extrahiu dos manuscriptos do tio. Differe apenas da minha em que o nome de SILVANVS apparece com ligadura de *AI* (SILVA/V S). Creio porem que esta ligadura não existe na inscrição e pedia a V. Ex.^a o obsequio de o averiguar sobre o original. Tambem na copia do tio do Diniz o A de Tvriaco não tem travessão e apparece Λ. Creio que tambem aqui não ha fidelidade. O que se vê porem é que aquelle antiquario viu com os seus olhos e não foi atraz da rotina do *vincit viriato* — venceu Viriato!! Segundo vi do Hübner, a tolice já vem do Agiologio Lusitano, do Cardoso; e mesmo depois das observações do Hübner (que só conhece metade da inscrição), o Pinho Leal, Vilhena Barbosa e não sei se alguém mais continuam a tolear vergonhosamente com as suas phantasias e, o que é peor com o seu latim de Palito Metrico: *Vincit Viriato* — venceu Viriato! —

O abysmo... da massada chama outro abysmo. Perto da capella de S. João (Burgães) ha, segundo me diz o Manoel, uma inscrição n'um penedo e varios signaes. V. Ex.^a, quando se offerecer occasião p.^a isso, não tem a bondade de tirar isso a limpo? Os signaes nas rochas tem um valor excepcional. Os mais vulgares entre nós são:



O 1.^o e 2.^o apparecem ás vezes aos 10 e 12. N'uma lage ja encontrei 18. Mais raro, mas valendo tanto como todos os outros juntos, encontra-se tambem o swastika (a famosa cruz dos Indios: ✚). Outras vezes encontram-se cavidades circulares, como a que deixaria o hemispherio d'uma laranja n'um corpo molle. Tambem apparecem ás duzias. Ha tambem pegádas, quasi sempre duas.

Ponho aqui ponto, porque agora vejo que estou abusando indecentemente da paciencia de V. Ex.^a. São porem tão raras as pessoas que tomam interesse pelas nossas velharias, que, quando alguma se encon-

tra, os maniacos não podem deixar de a martyrisar com perguntas.

Creia V. Ex.^a que m.^{to} desejaria ser-lhe agradável em alguma cousa.

De V. Ex.^a
at.^{to} e m.^{to} obg.^o

F. Martins Sarmiento.

II

Briteiros
20, 6, 83.

Ex.^{mo} Snr.

Agradeço muitissimo as informações e noticias que me deu. Visto o cuidado, com que V. Ex.^a examinou a pedra, fica decidido infelizmente que ninguem será capaz de restaurar senão hypotheticam.^{te} o nome da 3.^a linha. E, como neste terreno a hypothese mal pode permittir-se, só o accaso da descoberta d'um nome congenere poderá aclarar o nome [do] mallogrado deus. «O soldado que venceu Viriato» é que perde na demanda, porque elle tem de desaparecer da nossa epigraphia, se os futuros collectores, já se entende, não forem tão levianos, como os passados.

O apparecimento de moedas romanas dentro da campa de Burgães (1) tem para mim muito valor, e tanto, que vou incommodal-o de novo pedindo o obsequio d'averiguar de pessoa auctorizada, sendo possivel, a authenticidade do achado. Campas de forma e dimensões da de Burgães e outras de differente feitio, mas abertas em rocha tenho-as encontrado quasi por toda a parte; mas são para mim um enigma, a começar pela epocha, em que estiveram em uso. Por isso que ellas são apropriadas p.^a receber um corpo inteiro, está claro que não pertencem ao tempo da incineração. Eu, partindo desta ideia, quiz ja acreditar que ellas ja são posteriores ao periodo romano. Inclina-me

(1) Freguesia do concelho de Santo-Tirso.

mesmo á opinião de que a influencia do Christianismo não era extranha a esta «innovação», mas tudo isto são também hypotheses, e nesta escuridade a certeza do achado de moedas romanas, se não vale muito, vale alguma cousa. Não ha que extranhar que a cavidade não tenha o bordo refundado p.^a receber uma lousa. Em Basto a tampa d'uma destas sepulturas era um lascão grosseiro sobreposto ao penedo, em que a sepultura estava aberta, e tão grosseiro que as duas peças pareciam formar um só penedo. Quando partiram a parte superior do penedo é que então appareceu a sepultura, cujo conteúdo, como de costume, foi atirado para o limbo, em que todas as nossas velhas memorias se sómem.

O juiz Queiroz deu-me esperanças de o arrastar até estes sitios. Muito folgarei com a visita e no entanto receba V. Ex.^a os agradecimentos do que é

De V. Ex.^a am.^o e obg.^o

F. Martins Sarmento.

III

Briteiros
25, 6, 83.

Ex.^{mo} Snr.

Recebi e agradeço muitissimo as duas provas que me mandou da inscripção. Acho o trabalho photographico muito regular, attenta a posição da pedra e condições de luz, e o certo é que elle satisfaz inteiramente os estudiosos, que podem ter deante delles uma copia fiel. Excellente lembrança. O que é triste é que a nossa Academia Real (!) das Sciencias, em vez d'encarregar um photographo de colligir as inscripções que possuímos, se dê ao prazer unico de não fazer nada. Os seus socios, de vez em quando, largam a escrever pedantescamente sobre estas materias, aceitando erros palmares e vulgarizando-os. Oh! reverendissima reforma, quando chegarás tu ás nossas associações pseudo-scientificas!

Repito os meus agradecimentos e folgaria bem

ter occasião de poder provar o meu reconhecimento.

De V.^a Ex.^a
at.^{to} am.^o e obg.^o

F. Martins Sarmiento.

IV

Ancora
18, 7, 83.

Meu caro am.^o

Nem excursão ao Monte Cordova (1), nem ida á Citania, nem nada. Não sei como trapaceei o tempo, que não sahi do meu nicho de Guimarães, nem levantei mão d'um trabalho que me moeu os ossos da paciência. Fuji para aqui, a tomar um bocado d'ar e até o fim de 7^{bro} por cá me conservo. Quando regressar aos meus lares, farei combinações menos estouvadas. E, quando fôr occasião propria, hei-de mostrar-lhe n'um dos volumes do «Portugaliæ Monumenta Historica» — intitulado «Diplomata et Chartæ» uma demarcação curiosa por terras de S.^{to} Thyrso, em que se falla n'uma ponte m.^{to} conhecida que talvez seja a de Lagoncinha. O documento é do sec. 9 se não me engano. Todo o volumação é importantissimo para conhecimento das alterações que tem soffrido os nomes locaes. Por elle se vê que por exemplo — Antemil — era primitivamente — Antemiri — nome d'homem. Um dos documentos falla da — villa Antemiri, do concelho de Guimarães. Um grande numero de nomes topicos são tirados dos nomes pessoaes dos proprietarios das villas.

Se d'aquí quizer alguma cousa, já sabe que me tem ao seu dispor.

De V. Ex.^a am.^o m.^{to} grato

F. Martins Sarmiento.

(1) Concelho de Santo-Tirso.

V (1)

Guimarães
28, 4, 85.

Meu Ex.^{mo} am.^o

Já tinha noticias da descoberta do tumulo e das vazilhas, e que uma dellas estava em seu poder tambem ja por ca se sabia. O tumulo parece ser identico a outro que, ha annos, appareceu na freguezia de Abbação e que o Diniz Santiago offereceu á S.^e M. Sarmento. Que elle é ja da epocha romana não tem duvida; mas para determinar mais approximadamente esta epocha seria necessario examinar os objectos que apparecem em companhia do monumento e infelizmente taes monumentos são immediatamente destruidos e tudo baralhado. E o que eu vejo pelo que me diz do «Monte dos Saltos», é que ahi se devem encontrar vestigios de mais que uma civilização. O outeiro foi decerto uma pequena fortaleza, como todas as outras, existentes no nosso paiz, e puramente lusitanas, pre-romanas. Vem depois a dominação romana, com a influencia dos seus costumes e industria e provavelmente a população do outeiro estendeu-se para os arredores delle. Se a moeda gothica fosse autentica, ahi estava uma especie de marco milliario na sucessão dos tempos. A louça vidrada tambem é signal de que a povoação sobreviveu á invasão barbara. Na Citania não ha signaes de louça vidrada. Com tão fracos elementos não se pode porem fazer reconstrução nenhuma que geito tenha. Eu e dous amigos meus tencionamos ir examinar o monte, q.^{do} o tempo permittir uma passeata sem guarda-chuva. Estimavamos muito que fosse do rancho, e,

(1) Esta carta parece, pelo assunto, ser a resposta à n.^o I do P.^e Pedrosa. Mas a data desta é de 25-V-85. Deve haver engano: deve ser 25-4-85.

se resolver, avise-me, p.^a combinarmos o dia e hora da excursão.

Creia que sou com toda a estima

De V. Ex.^a am.^o e obg.^o

F. Martins Sarmiento.

VI ⁽¹⁾

Vizella, Julho 85

Meu ex.^{mo} am.^o

Não faltava mais nada senão que ao roزاریo de semsaborias que lhe causou a excursão a Sequeiró ⁽²⁾ se juntasse a persuasão de que dei por mal empregado o tempo que lá passei! Vejo que não conhece bem até onde chega a paixão dos Possidonios pelas cousas velhas. Perdi de tal modo o tempo, que ainda hei de tornar la, porq.^e não calculei o tempo e os incidentes da D. Claudina e não vi tudo o que devia ver. Creio que minha irmã vai passar parte do Outono á Trofa e então la estou para ver a Fonte d'Elrei e outras cousas mais. Já vê que calumniou o meu archeologismo.

Deixe-me dizer-lhe com a franqueza que usam os que não sacrificam na ara do Elogio mutuo que não concordo com a sua interpretação do epitaphio de Villarinho. O 2.^o nome da 2.^a linha começa por um G, em forma de 6, se a photographia não mente. A 4.^a letra deste nome parece-me um C e não um O. Só em face do original, porque a prova photographica está um pouco nevoenta, é que se podia afirmar positivamente se a lição deve ser *Garcia*, como me palpita. O nome seguinte parece-me um appellido,

(1) Resposta à carta n.^o II do P.^e Pedrosa.

(2) *Sequeiró* na pronúncia actual. Mas recordo-me de ler *Sequeiro* num Dicionário Geográfico do século XVIII.

mas a ultima letra não a percebo bem. «Garcia E ri..». Talvez alguma chronica falle no grande homem. Creio deveras que o Possidonio se ha de interessar pela Igreja de Roriz, como se ha de interessar pela de Rio-Mau, se la for. A inscripção desta Igreja é que elle não poderá ler, como cuida, porque está n'umas condições de luz e de posição que só é accessivel aos que teem olhos de lynce e flexibilidade de cobra. Esta inscripção é uma das minhas glorias, porque veio estabelecer que a archeologia pode tambem fazer abbades. Imagine que o *reitor* de Rio-Mau, depois que eu copiei e decifrei a inscripção, a fez chegar ás mãos do Arcebispo de Braga e que em attenção á antiguidade da Igreja, revelada pela velha epigraphie, a reitoria foi elevada a abbadia. O novo abbade deu-me a noticia, muito comovido e escreveu o caso nas gazetas, é verdade que dando o Possidonio como Oedipo da inscripção, verdade é tambem que eu lhe dera a opinião do nosso am.º em confirmação da minha, para elle ficar com a consciencia tranquilla. Não reparou que o trabalho não consistia em decifrar, mas em copiar exactamente — cousa que exigiu tres idas a Rio-Mau e o dispendio d'alguns côtos de stearina. A capella-mor, pelo menos, é muito notavel e, se alguma vez fôr á Povoá, não deixe de a ir ver. O arco desta capella é ainda em forma de ferradura, com esculpturas curiosas nos capiteis e a parede de fundo, duplamente mutilada hoje, tinha tambem ornamentações curiosas. A inscripção é do seculo 12 e a capella certamente é a primitiva.

De V.^a Ex.^a
am.º m.^{to} obg.º

F. Martins Sarmento.

(Continua).